

Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem

Marcelo Neri
FGV Social e FGV EPGE



FGV SOCIAL
CENTRO DE
POLÍTICAS SOCIAIS

<http://www.fgv.br/cps/NemNem>

Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem

Sumário- Executivo

Marcelo Neri – FGV Social e FGV EPGE

NERI, Marcelo C.

“ Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem” (Marcelo Neri),
Rio de Janeiro, RJ – 2021 - FGV Social – 24 páginas.

1. Juventude. 2. Mercado de Trabalho. 3. Inclusão 4. Desemprego

As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getúlio Vargas, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da FGV. Portaria FGV N°19.

Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem

Marcelo Neri – FGV Social e FGV EPGE

Resumo

Inicialmente, descrevemos através dos microdados da PNADC a evolução das combinações de status do binômio educação e trabalho entre jovens, em particular, que estão fora da ocupação no mercado de trabalho e de instituições educacionais. Essas estatísticas, os chamados “nem-nem” oferecem alternativa útil para descrever os maiores desafios desta fase de transição da infância à idade adulta no ciclo da vida dos indivíduos. A má notícia é que com a chegada da pandemia depois de 2019.4 (leia-se último trimestre de 2019) a taxa de jovens nem-nem que se encontrava em 23,66% acelera, chegando ao recorde histórico de 29,33% no segundo trimestre do ano, depois refluindo para 25,52% até 2020.4.

O estudo aponta em tempo hábil, o que é fundamental para reações de política, especialmente no período de pandemia, marcadas perdas trabalhistas de ocupação para o conjunto dos jovens na pandemia, ampliando sobremaneira a magnitude das mesmas observadas nos últimos seis anos. Só na pandemia a desocupação na faixa de 15 a 29 anos sobe de 49,37% para 56,34%. Este é o fator dominante exercido nas medidas do uso do tempo dos jovens.

Por outro lado, revelamos surpreendente queda da taxa de evasão escolar durante a pandemia, que se faz está presente em todos os grupos jovens, atingindo o nível mais baixo da série em 2020.4 com 57,95% de 15 a 29 anos (era 62,2% em 2019.4). A combinação entre falta de oportunidades de inserção trabalhista com menor cobrança escolar (presença e aprovação automáticas) podem explicar a menor evasão. De qualquer forma, há que tirar partido da oportunidade e, por exemplo, promover inclusão digital e novos conteúdos educacionais.

Índices sintéticos como os nem nem que definem as pessoas pelo que elas não fazem, escondem tanto quanto revelam.. A até certo ponto surpreendente queda da evasão escolar dos jovens acompanhou a alta da desocupação trabalhista. É preciso simultaneamente ampliar e detalhar os elementos da decadência trabalhista ocorrida entre os jovens, incorporando o próprio efeito instrumental da educação obtida sobre salários e produtividade. O próximo passo é operacionalizar um Índice de Inclusão Produtiva (IIP) englobando estes elementos.

Há que se olhar para imagem invertida no espelho dos nem nem, enfocando também aqueles que exercem jornada dupla. É preciso incorporar os tons de cinza no diagnóstico e nas políticas propostas. As extensões das jornadas de trabalho e escolares determinam a performance nessas duas frentes. No que tange ações há que se buscar a conciliação entre estudo e trabalho graduando parâmetros de forma atender os objetivos de política finais, quais sejam o aprendizado e a geração de postos de trabalho. Incentivos a jornada reduzida de trabalho juvenil parece desejável sob as duas perspectivas, possibilitando melhor qualidade de ensino assim como socializar a geração de postos de trabalho num grupo maior de pessoas, com efeitos também sobre a equidade trabalhista.

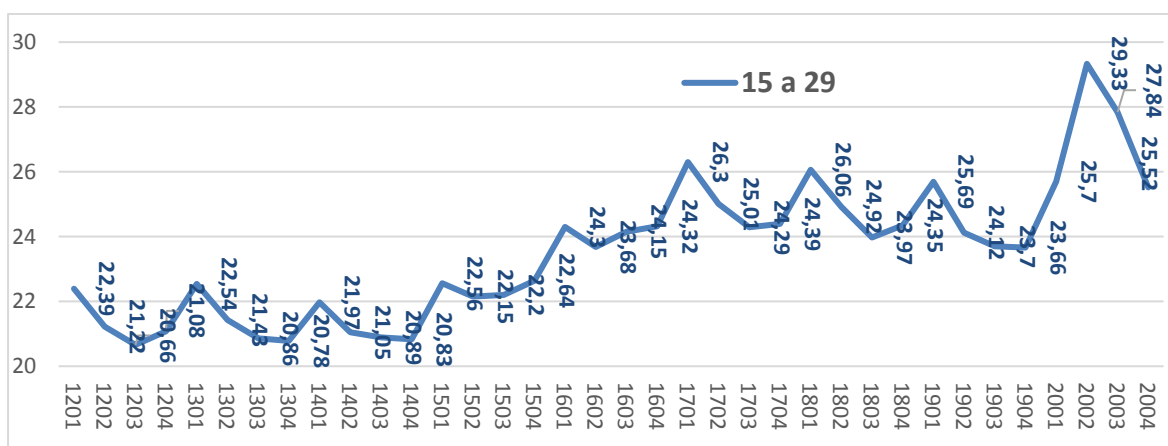
Introdução - Na pesquisa “A Escalada da Desigualdade”, identificamos e datamos o período de crise em termos da evolução da média e da concentração de renda do trabalho do conjunto de brasileiros. O começo da piora destas variáveis vem do quarto trimestre de 2014, logo após o segundo turno do pleito presidencial, e persiste na piora da desigualdade de renda até pelo menos o segundo trimestre de 2019. A PNADC revela que os jovens são os maiores perdedores desse interregno de retrocessos trabalhistas. Enquanto outros grupos tradicionalmente excluídos - como: analfabetos, negros e moradores das regiões Norte e Nordeste - apresentam reduções de renda pelos menos duas vezes maior que a da média geral nesse período, a perda foi 5 e 7 vezes mais forte para jovens entre 20 e 24 anos e os jovens adolescentes, respectivamente. Não por coincidência, aqueles que ocupam a posição de filhos na família – posição associada aos jovens - também perdem quatro vezes mais que a média. Posteriormente, esta análise foi estendida em capítulo realizado pelo FGV Social do Atlas das Juventudes.

O objetivo deste estudo é ampliar o escopo e o período de análise para o período da pandemia, caracterizar este período crítico sob a ótica trabalhista e estudantil dos jovens. Inicialmente, descrevemos a evolução das combinações de status do binômio educação e trabalho entre jovens. Em particular, o conceito dos nem-nem, isto é, os jovens sem ocupação no mercado de trabalho e fora de instituições educacionais, oferece alternativa útil para descrever os desafios desta fase de transição da infância à idade adulta no ciclo da vida dos indivíduos. Na infância e adolescência a principal atividade é o estudo e na fase adulta não idosa é o trabalho. As mudanças acontecidas neste período deixam marcas na trajetória futura dos jovens.

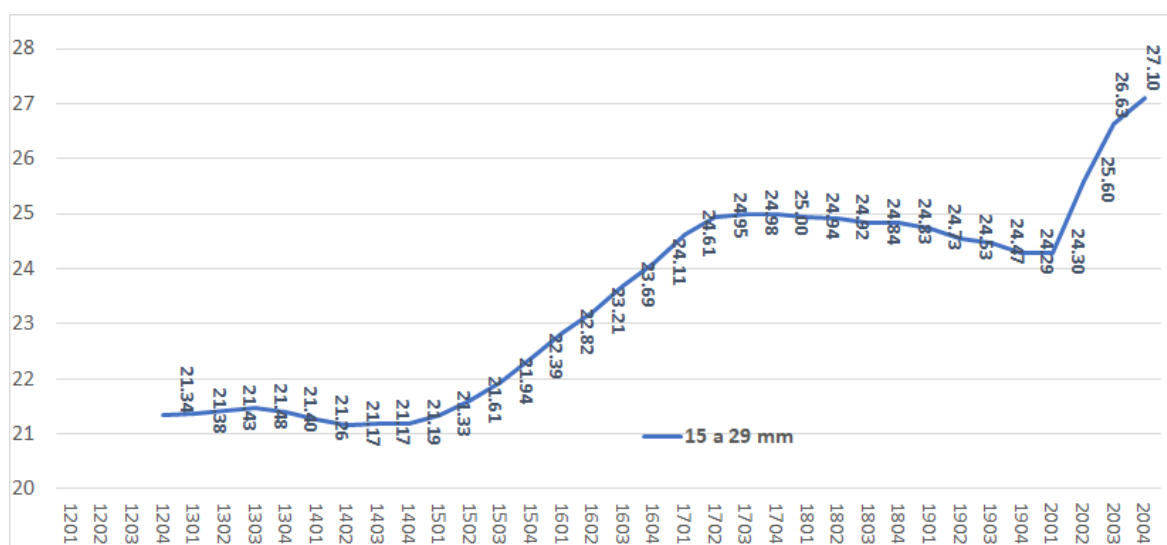
O texto analisa em sequência as taxas de nem nem, de evasão escolar e de desocupação. As duas atividades analisadas no estudo convergem em apontar em tempo hábil marcadas mudanças da população jovem na pandemia. Se a opção fosse usar a PNADC em bases anuais estaríamos hoje ainda falando de 2019, ou seja, antes da pandemia existir. De um lado, evidenciamos perdas no status trabalhista para o conjunto dos jovens na pandemia, ampliando sobremaneira a magnitude das mesmas observadas nos últimos seis anos. Por outro lado, revelamos surpreendente aumento da frequência escolar deste grupo.

Nem-Nem - As estatísticas de jovens de 15 a 29 anos que nem estudam nem trabalham, os chamados “nem-nem” oferece alternativa útil para descrever os maiores desafios desta fase de transição da infância à idade adulta no ciclo da vida dos indivíduos. Analisando desde 2012, os extremos da série são 20,76% nos idos de 2014 e o recorde de 29,33% no segundo semestre de 2020 por força da pandemia. Os gráficos abaixo mostram as séries trimestrais e as respectivas médias móveis de 4 trimestres, que ajudam a entender a mudança no patamar desse problema durante a grande recessão de 2015 a 2016 e na pandemia. O primeiro ponto de inflexão se dá no fim de 2014. De 2015 a 2017 observamos gradual mudança de três pontos percentuais no patamar das series, indo de 21% para cerca de 24%, seguida de manutenção deste nível mais alto. A chegada da pandemia depois de 2019.4 provoca uma aceleração na taxa de jovens nem nem em mais três pontos percentuais chegando a faixa de 27% até 2020.4, o último trimestre disponível.

Percentuais de nem-nem % faixa 15 a 29 anos



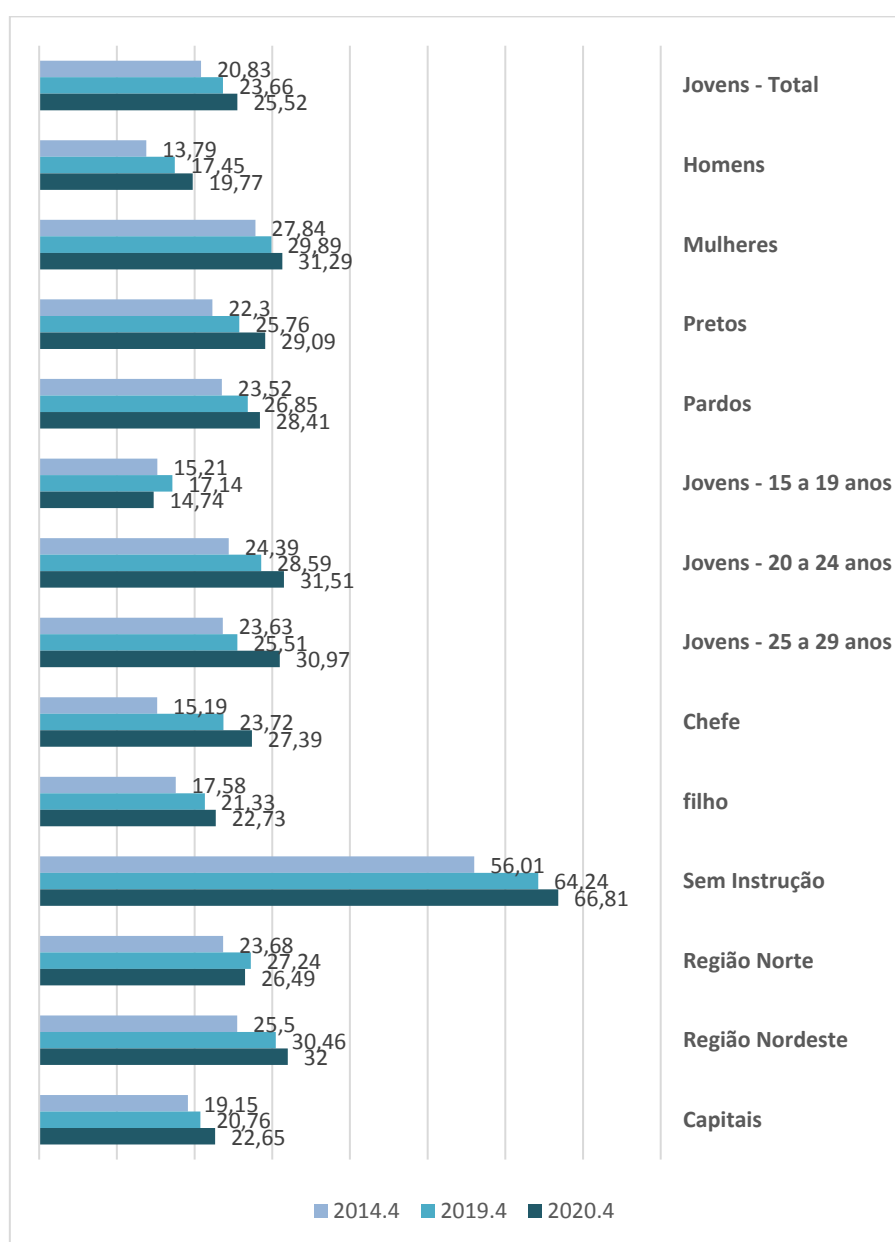
Percentuais de nem-nem % faixa 15 a 29 anos – média móvel 4 trimestres



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE.

O gráfico e o mapas abaixo mostram a proporção de nem nem em grupos de jovens nos pontos de transição apontados acima: 2014.4 (o quarto trimestre de 2014), 2019.4 e 2020.4. Os maiores percentuais no momento final da série em 2020.4 são mulheres (31,29%), pretos (29,09%), Nordeste (32%), moradores de periferia das maiores metrópoles brasileiras (27,41%), chefes de família (27,39%) e pessoas sem instrução (66,81%). Além de grupos tradicionalmente excluídos, o fato que das maiores incidências dos nem nem estarem entre aqueles com menor nível de educação e principais provedores das famílias apresentam implicações para o futuro desses jovens e famílias inteiras.

Percentuais de nem-nem % entre grupos populacionais na faixa 15 a 29 anos

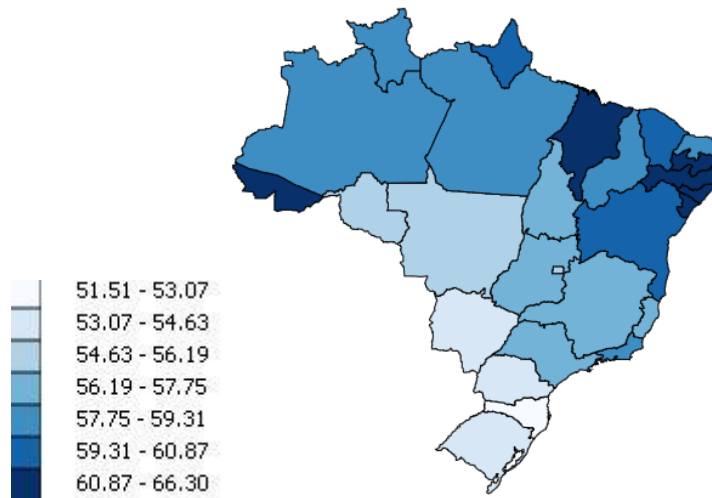


Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE.

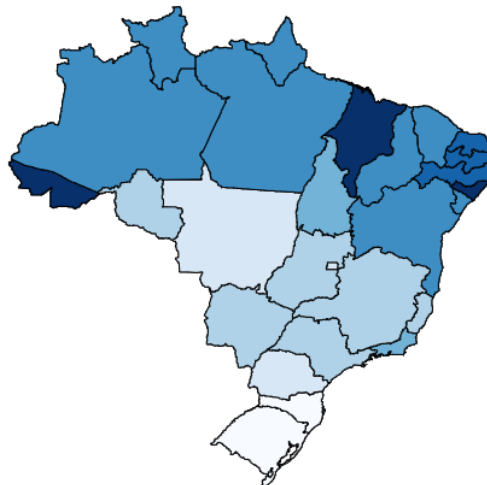
UF - % Nem Nem entre Jovens 15 a 29 anos 2014.4 / 2019.4 / 2020.4

<https://cps.fgv.br/mapa-uf-nem-nem-entre-jovens-15-29-anos-20144-20194-20204>

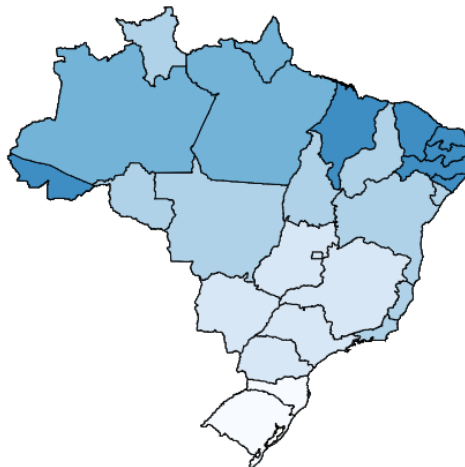
2020.4



2019.4



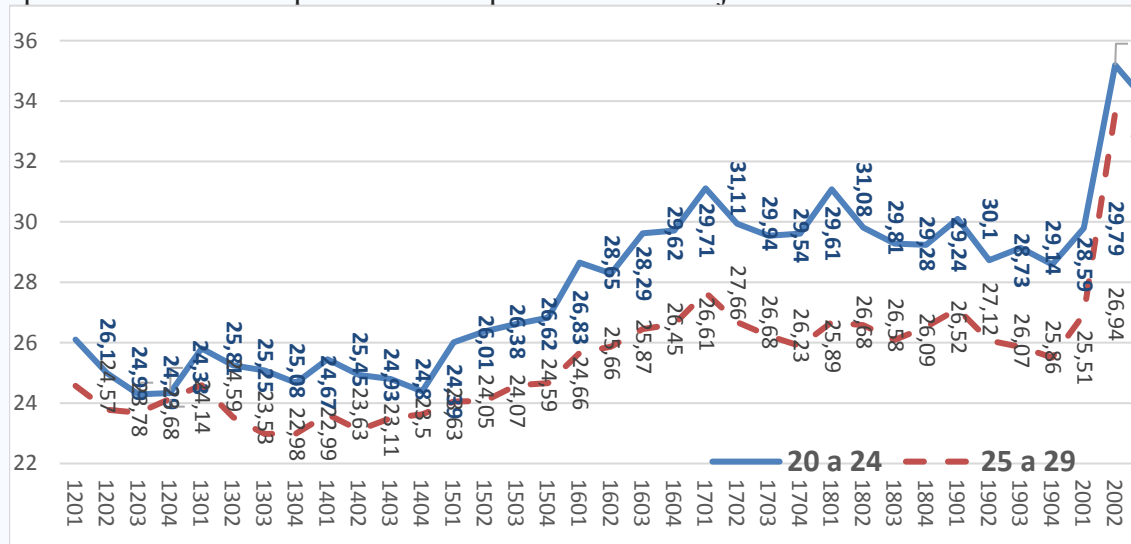
2014.4



Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Trimestral/IBGE.

Nem Nem por Idade e Genero

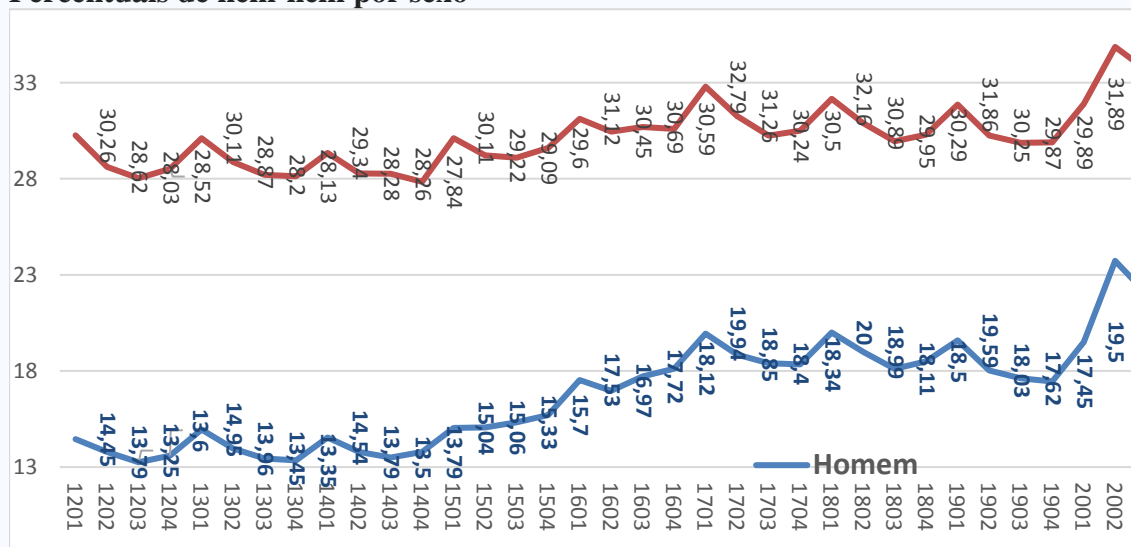
Percentuais de nem-nem por faixa etária – A taxa de nem nem nas faixas de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos que eram próximas no começo da serie aumenta mas voltam a se aproximar no final da pandemia com piora relativa dos jovens adultos.



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE.

Nem Nem por Gênero - O gráfico a seguir mostra que o risco de ser jovem “nem-nem” afeta desproporcionalmente as mulheres, desigualmente responsabilizadas por trabalhos domésticos, especialmente em domicílios com crianças. No início das séries mostradas no gráfico, o risco de ser “nem-nem” delas (28,86%) era mais que o dobro do observado entre eles (13,77%), mas essa diferença tem diminuído ao longo dos anos.

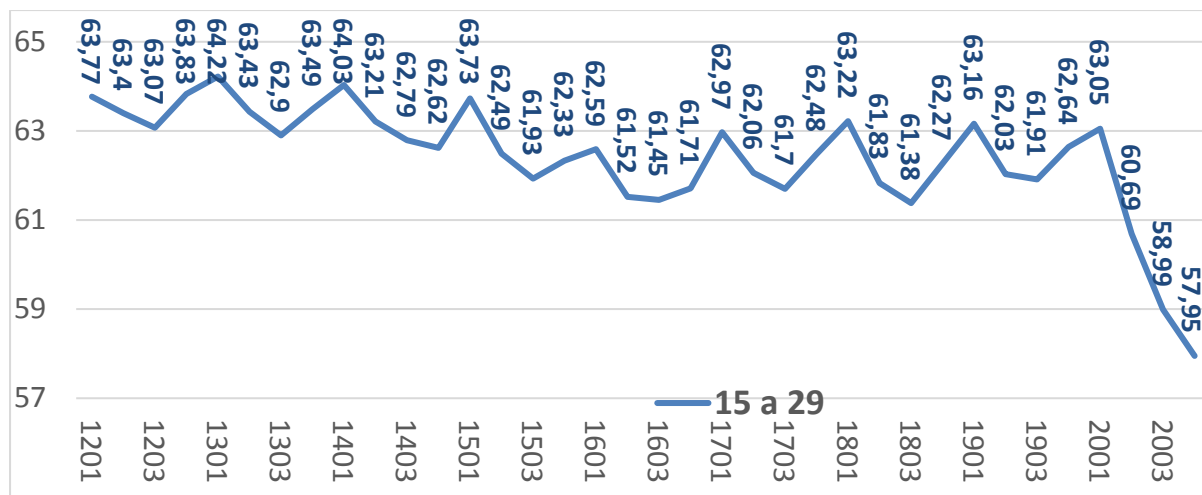
Percentuais de nem-nem por sexo



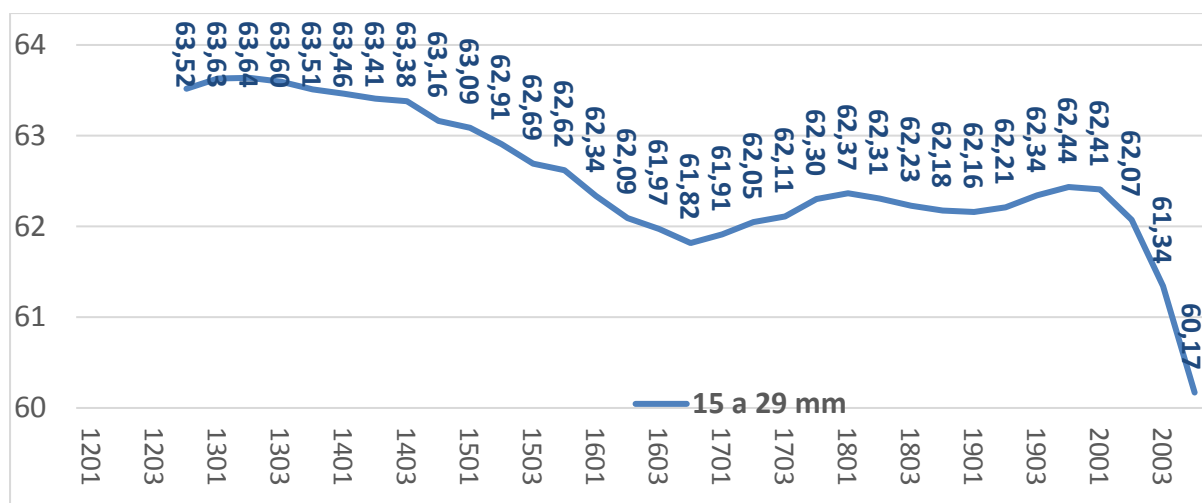
Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE.

Evasão Escolar - A análise da evasão escolar dos jovens revela estabilidade pré Covid passando de 62,62% em 2014.4 para 62,64% 2019.4. Agora há, durante a pandemia, redução na proporção dos jovens não matriculados em instituições de ensino atingindo o nível mais baixo da série em 2020.4 com 57,95%.

Percentuais que não frequenta a escola % faixa 15 a 29 anos



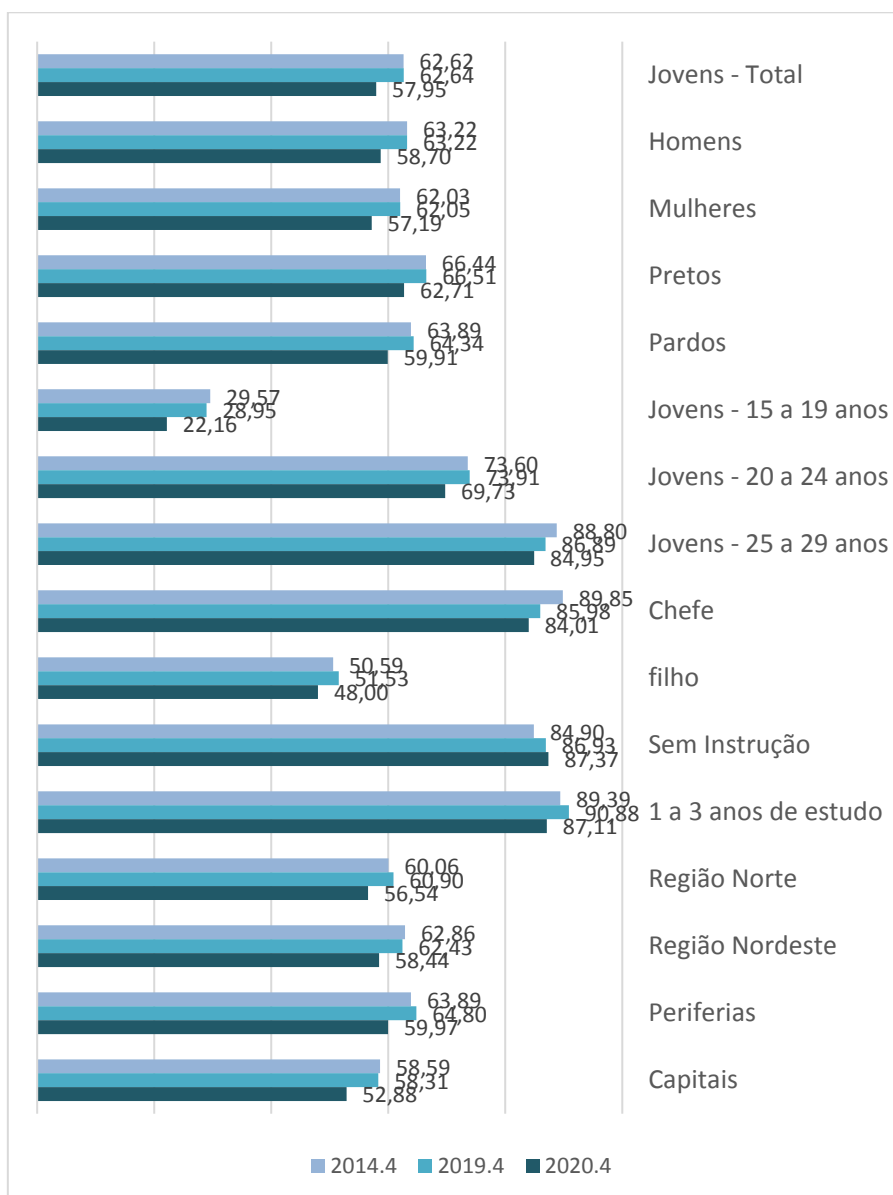
Percentuais que não frequenta a escola % faixa 15 a 29 anos – média móvel 4 trimestres



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE

A queda da taxa de evasão escolar durante a pandemia está presente em todos os grupos jovens do gráfico, em particular jovens adolescentes de 15 a 19 anos cuja taxa caiu de 28,95% em 2019.4 para 22,16% em 2020.4. Os mapas detalham estas mudanças entre estados brasileiros que tem uma serie de responsabilidades em relação a problemas que afligem aos jovens a começar pelo ensino médio, políticas de segurança e de transito e ações para desempregados (Neri 2007).

Proporção que não frequenta a escola % por grupos populacionais - faixa 15 a 29 anos



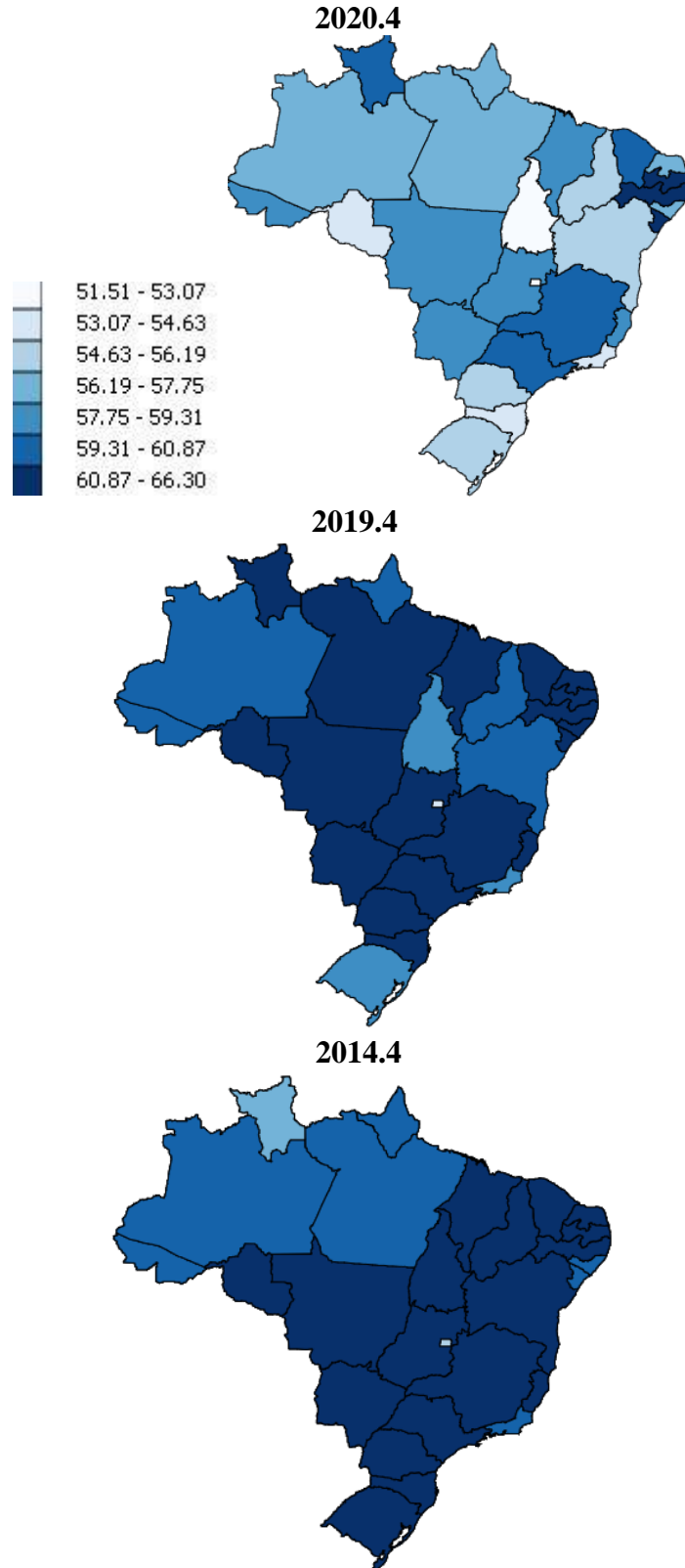
Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE

A própria recessão ao diminuir alternativas trabalhistas a todos, e aos mais jovens em especial, pode explicar a baixa da evasão. A falta de cobrança de presença nas escolas e a aprovação automática são outros possíveis fatores por traz da volta ou da maior permanência escolar dos jovens. É importante notar que esta tendencia entre todas as faixas jovens está em oposição ao observado nas faixas de 5 a 9 anos de idade onde a taxa de evasão e a redução do tempo dedicado aos estudos bateram recordes (Neri e Osorio 2020 e 2021). A maior dependência infantil de professores tutores presenciais e a própria dificuldade de lidar com a internet podem explicar esta divergência. Há que se tirar partido dessa situação inusitada e prover aos jovens com novos conteúdos educacionais em larga escala. De qualquer forma, se o aumento da

proporção dos nem nem na faixa de 15 a 29 anos foi acompanhado de queda da evasão escolar, nossos olhares se olham para a inserção trabalhista dos jovens.

UF - % Taxa de Evasão – Jovens 15 a 29 anos 2014.4 / 2019.4 / 2020.4

<https://cps.fgv.br/mapa-uf-taxa-de-evasao-jovens-15-29-anos-20144-20194-20204>



Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Trimestral/IBGE.

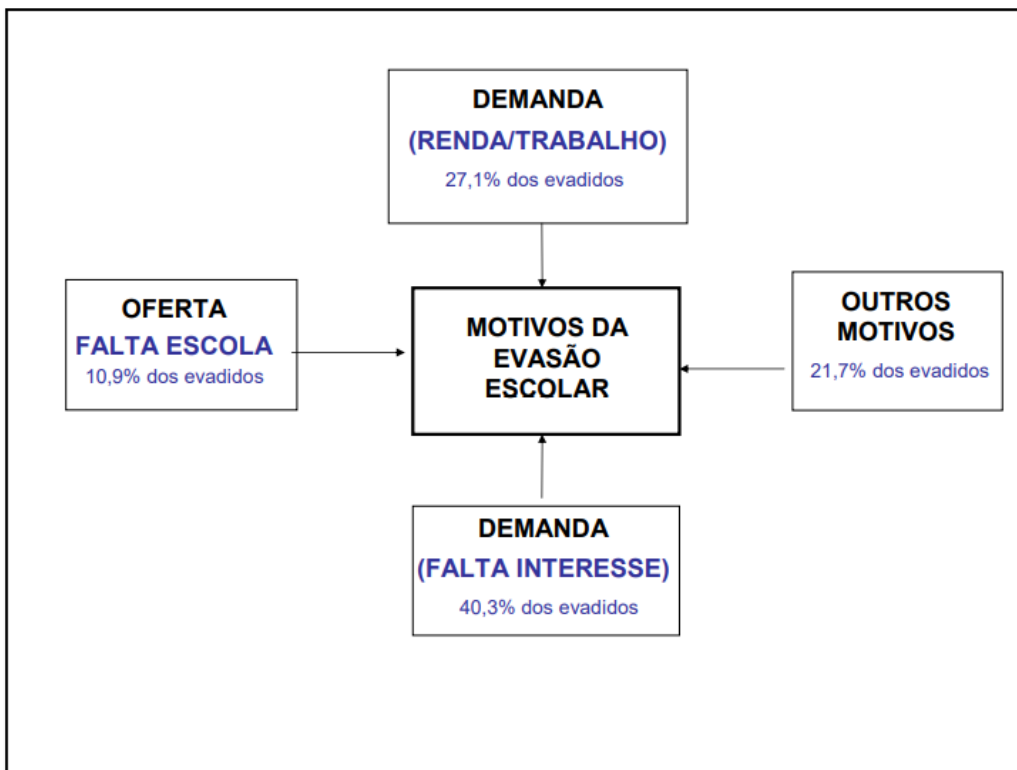
Box – Motivos da Evasão Escolar

Em parceria com o movimento Todos Pela Educação, o FGV Social lançou também em 2009 a pesquisa “Motivos da Evasão Escolar”. Usando dados da PNAD de 2004 e 2006, os principais objetivos da pesquisa eram, de um lado, medir as causas da evasão escolar a partir de três tipos básicos de motivações, que vão desde a oferta de serviços até a falta de interesse ou restrições financeiras dos estudantes; e por outro, fornecer evidências da existência do paradoxo do alto retorno privado com alta evasão educacional.

Os dados para 2006 para o grupo de 15 a 17 anos mostram que a principal razão para não estar estudando estava vinculada à falta de interesse dos estudantes (40,3%) ou motivos de trabalho (27,1%), e apenas em último lugar apareciam os motivos de problemas de oferta educacional (10,9%), portanto, um cenário inverso ao que vemos com os dados da PNAD Covid em 2020, nos quais os motivos de demanda para não estudar são menos proeminentes que os motivos de oferta educacional.

Além do texto principal, do sumário executivo e dos slides da pesquisa, o site da pesquisa disponibiliza um banco de dados interativo com resultados da pesquisa e vídeos. Acesse a pesquisa em <https://www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos/>

Esquema: motivos para não estar na escola segundo os jovens de 15 a 17 anos em 2006



Box: Tempo de Permanência na Escola

O indicador proposto de tempo para escola durante a pandemia na pesquisa <https://cps.fgv.br/pesquisas/tempo-para-escola-na-pandemia> tem como inspiração uma pesquisa feita pelo FGV Social / Centro de Políticas Sociais em Abril de 2009. A pesquisa investigou a extensão do tempo dedicado pelos estudantes à escola, suas causas e consequências em termos do processo de aprendizado. As perguntas básicas endereçadas pelo estudo são respondidas pela ótica dos estudantes e seus pais. Visando não só quantificar o uso do insumo tempo dedicado aos estudos no processo de aprendizado, como também diagnosticar na análise de sua composição onde os alunos estão ganhando (ou perdendo) mais tempo de escola: se é pela baixa proporção de dada faixa de idade escolar de alunos matriculados; se é pelo índice de presença nas aulas; ou, ainda, pela extensão da jornada escolar oferecida pela escola. O estudo dedica especial atenção à dicotomia existente entre escolas públicas e as privadas. Complementarmente as provas do SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico do INEP/MEC) nos permitem medir o impacto do tempo na escola sobre o aprendizado dos alunos.

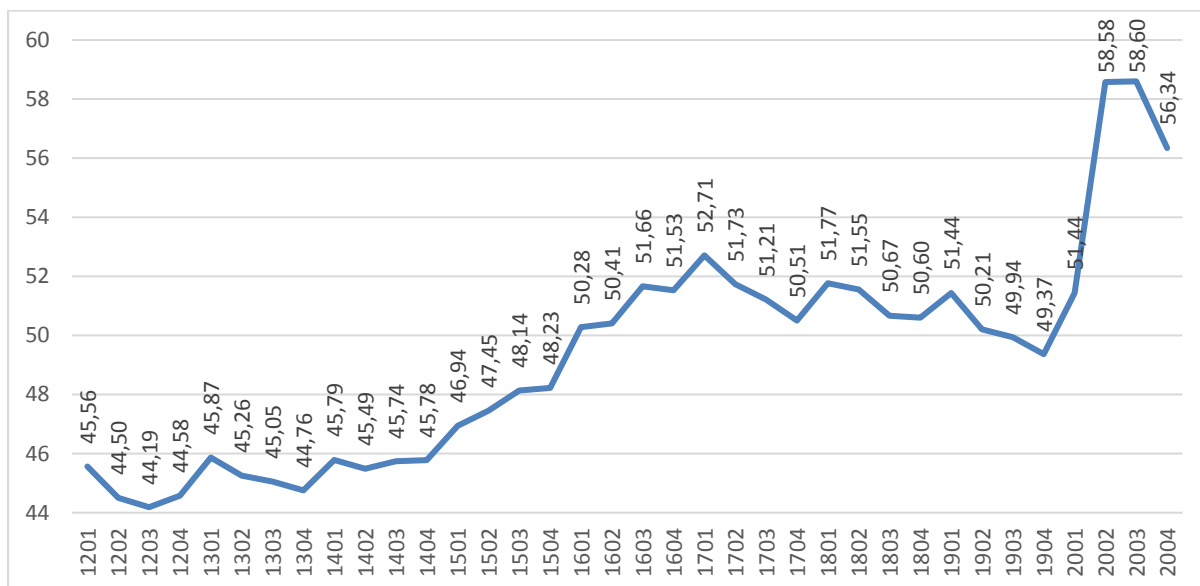
Portanto, podemos fazer um paralelo por faixa etária entre o tempo de permanência na escola em 2006 com o tempo dedicado ao ensino remoto durante a pandemia em 2020, buscando entender como esse tempo variou de lá para cá. Enquanto os alunos de 6 a 15 anos em 2006 tinham 4h7min horas de tempo na escola, na pandemia tiveram apenas 2h22min. Os mais pobres foram ainda mais prejudicados, tendo seu tempo para os estudos reduzidos praticamente pela metade: de 4 horas para 2h para aqueles que recebem Bolsa Família. Quando olhamos a faixa de Ensino Médio, em 2006 o tempo na escola era de h33min para a faixa de 15 a 17 anos, caindo para 2h28min em Setembro de 2020 durante a pandemia. Os adolescentes mais pobres tiveram uma redução de pouco mais de 1h, passando de 3h18min para 2h5min. Conclui-se, que os mais pobres e as crianças, foram os que mais perderam na pandemia, enquanto os adolescentes não perderam tanto, o que pode ser consequência do melhor acesso destes à internet mesmo antes da pandemia.

Além do texto principal, do sumário executivo e dos slides da pesquisa, o site da pesquisa disponibiliza um banco de dados interativo com resultados da pesquisa. Acesse a pesquisa em <https://cps.fgv.br/pesquisas/tempo-de-permanencia-na-escola>

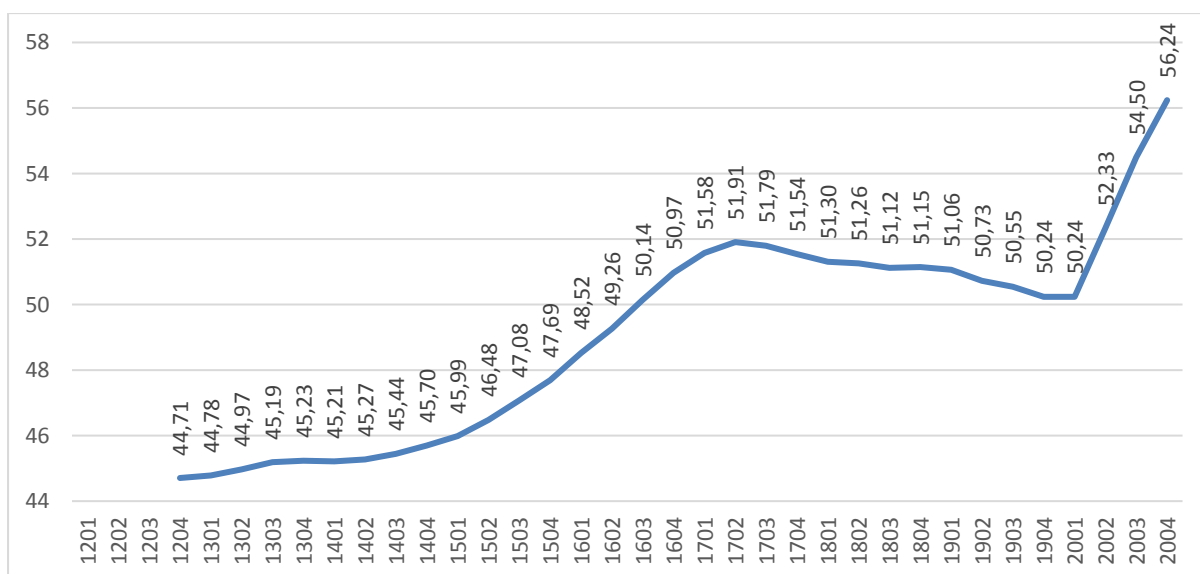
Desocupação

Apresentamos dados da taxa de desocupação dos jovens de 15 a 29 anos compondo o segundo elemento dos nem nem. O aumento da taxa de desocupação ocorre de forma quase ininterrupta desde 2012 com alguma estabilidade entre 2017 e 2019 e marcada aceleração durante a pandemia que acaba dominando o efeito sobre a taxa de nem nem.

Percentuais de não ocupados % faixa 15 a 29 anos

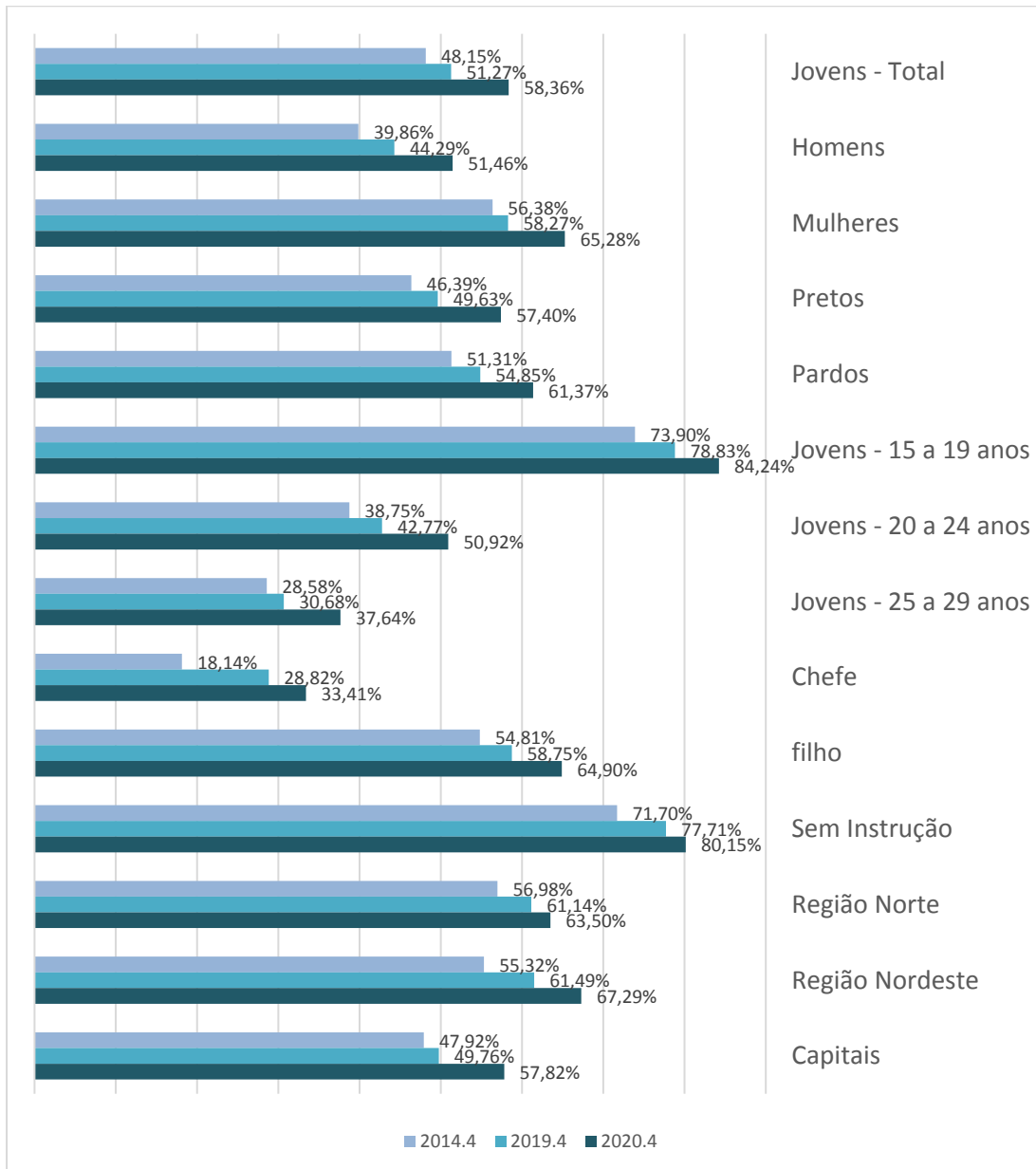


Percentuais de não Ocupados % faixa 15 a 29 anos – média móvel 4 trimestres



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE

Proporção de Não Ocupados % entre grupos populacionais Jovens - 15 a 29 anos



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC Trimestral /IBGE

Conclusão e Direções (Resumo) - Estudos recentes realizados pelo FGV Social mostram uma alta vulnerabilidade dos mais jovens brasileiros em tempos de crise. Estes choques podem deixar marcas permanentes, o chamado efeito-cicatriz sobre a trajetória de ascensão social de toda uma geração. Com base nessas evidências, decidimos dedicar um olhar especial ao impacto da pandemia em curso no trabalho e no estudo dos jovens de hoje (Geração Covid).

Inicialmente, descrevemos através dos microdados da PNADC a evolução das combinações de status do binômio educação e trabalho entre jovens, em particular, que estão fora da ocupação no mercado de trabalho e de instituições educacionais. Essas estatísticas, os chamados “nem-nem” oferecem alternativa útil para descrever os maiores desafios desta fase de transição da infância à idade adulta no ciclo da vida dos indivíduos. A má notícia é que com a chegada da pandemia depois de 2019.4 (leia-se último trimestre de 2019) a taxa de jovens nem-nem que se encontrava em 23,66% acelera, chegando ao recorde histórico de 29,33% no segundo trimestre do ano, depois refluindo para 25,52% até 2020.4.

Por outro lado, revelamos surpreendente queda da taxa de evasão escolar durante a pandemia, que se faz está presente em todos os grupos jovens, atingindo o nível mais baixo da série em 2020.4 com 57,95% de 15 a 29 anos, era 62,2% em 2019.4. A combinação entre falta de oportunidades de inserção trabalhista com menor cobrança escolar (presença e aprovação automáticas) podem explicar a menor evasão. De qualquer forma, há que tirar partido da oportunidade e, por exemplo, promover inclusão digital e novos conteúdos educacionais.

O estudo aponta em tempo hábil, o que é fundamental para direcionadas reações de política, especialmente no período de pandemia, marcadas perdas trabalhistas de ocupação para o conjunto dos jovens na pandemia, ampliando sobremaneira a magnitude das mesmas observadas nos últimos seis anos. Só na pandemia a desocupação na faixa de 15 a 29 anos sobe de 49,37% para 56,34%. Este é o fator dominante na medidas do uso do tempo dos jovens.

Índices sintéticos como os nem nem que definem as pessoas pelo que elas não fazem, escondem tanto quanto revelam.. A até certo ponto surpreendente queda da evasão escolar dos jovens acompanhou a alta da desocupação trabalhista que é a força dominante. É preciso simultaneamente ampliar e detalhar os elementos da decadência trabalhista ocorrida entre os jovens, incorporando o próprio efeito instrumental da educação obtida sobre salários e produtividade. Jornada de trabalho é outro ponto a ser incorporado. O próximo passo é

justamente propor e operacionalizar um Índice de Inclusão Produtiva (IIP) englobando estes elementos.

Há que se olhar também para imagem no espelho dos nem nem, enfocando aqueles que exercem jornada dupla o que parece indicador a ser perseguida. A taxa de pessoas na faixa de 15 a 19 anos que estão ocupadas no mercado de trabalho e em instituições de ensino caiu de maneira contínua nos últimos nove anos, indo de 17,05% em 2012.3 para 11,02% em 2020.4.

É preciso incorporar os tons de cinza no diagnóstico e nas políticas propostas. As extensões das jornadas de trabalho e escolares determinam a performance nessas duas frentes. No que tange ações há que se buscar a conciliação entre estudo e trabalho graduando de forma atender os objetivos de política finais, quais sejam o aprendizado e a geração de postos de trabalho. Incentivos a jornada reduzida de trabalho juvenil parece desejável sob as duas perspectivas, possibilitando melhor qualidade de ensino e socializar a geração de postos de trabalho num grupo maior de pessoas, com efeitos também sobre a equidade trabalhista.

Bibliografia

Barbosa, R. e Prates, I., *Efeitos do desemprego, do Auxílio Emergencial e do Programa Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda (MP nº 936/2020) sobre a renda, a pobreza e a desigualdade durante e depois da pandemia*, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, ano 26, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ministério do Trabalho, Julho de 2020,

Hecksher, M. Valor impreciso por mês exato: microdados e indicadores mensais baseados na PNAD Contínua. Brasília: Ipea, abr.2020 (Nota Técnica, n. 62) Carta Conjuntura Ipea – Número 47 – 2o Trimestre de 2020.

Gill I. S.; Neri, M. C.; Amadeo E. J. ; Assessing the Impact of Labor Regulations on Informal Workers in Brazil. In: Indermit Gill; Claudio Montenegro; Dorte Domeland. (Org.). *Crafting Labor Policy: Techniques and Lessons from Latin America*. Washington: The World Bank, 2002, p. 67-95.

Gonzaga, G. M.; Menezes Filho, N. A.; Camargo, J. M.; Os efeitos da redução da jornada de trabalho de 48 para 44 horas semanais em 1988. *Rev. Bras. Econ.*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 369-400, Junho de 2003.

Hecksher, M.; Cinco Meses de Perdas de Empregos e Simulação de um Incentivo a Contratações. Nota Técnica nº87 Disoc Diretoria de Estudos e Políticas Sociais, Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Agosto de 2020.

IBGE, Relatório IBGE - Pareamento de Dados PNAD COVID19. Rio de Janeiro: IBGE, jun. 2020a.

_____. PNAD COVID19 – Plano amostral e ponderação. Rio de Janeiro: IBGE, jun. 2020b.

Melnick, H.; Darling-Hammond, L. Reopening schools in the context of Covid-19: health and safety guidelines from other countries. Learning Policy Institute, 2020

IPEA. Proposta 4.1 – Implementação de programas de subsídio temporário à contratação de trabalhadores e renovação de programas de redução de jornada. Em: *Brasil pós-Covid-19: contribuições do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*, Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020.

Nascimento, P. A. M. et al. “Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia”. Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020

Neri, M. *A Escalada da Desigualdade - Qual foi o Impacto da Crise sobre Distribuição de Renda e Pobreza?* Pesquisa de Divulgação, FGV Social / Centro de Políticas Sociais. Fundação Getúlio Vargas, Novembro de 2019 <https://cps.fgv.br/desigualdade>

Neri, M.C. “Efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho brasileiro: Desigualdades, ingredientes trabalhistas e o papel da jornada” (Sumário Executivo), FGV Social, Rio de Janeiro, RJ – Setembro/2020 <https://cps.fgv.br/pesquisas/efeitos-da-pandemia-sobre-o-mercado-de-trabalho-brasileiro>

Neri, M.C. “Juventude e Trabalho: Qual foi o Impacto da Crise na Renda dos Jovens? E nos Nem-Nem?” (Sumário Executivo), FGV Social, Rio de Janeiro, RJ – Novembro/2019

Neri, M. C. Workaholics, desempregados e jornada de trabalho. Valor Econômico, 13 jun. 2000.

Neri, M. C. e Osorio, M.C.; “Bolsa Família, tempo na escola e motivações estudantis.” Revista de Administração Pública (Impresso), v. 53, p. 859-878, 2019.

OCDE. “The Impacto of Covid-19 on Education: Insights from Education at Glance 2020”, Setembro 2020. <https://cps.fgv.br/pesquisas/efeitos-da-pandemia-sobre-o-mercado-de-trabalho-brasileiro>

Prates, I. & Guicheney, H. “Sem diretrizes para o ensino remoto e a volta às aulas, governo Federal repete na educação a tragédia da saúde. Milhões de crianças ficaram em casa sem atividades escolares e os mais pobres perderam até 50 dias letivos de aula.” Boletim nº 22, Rede de Pesquisa Solidária, Agosto 2020.

Reimers, F. M. & Schleicher, A. “Educação Interrompida, Educação Repensada – Como a pandemia do Covid19 está mudando a educação”. Versão Preliminar. Tradução para o português feita pelo CEIPE – Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, 2020.

UNDP, Human Development Report 2020. The Next Frontier: Human Development and the Anthropocene, 412 pp, December 2020, <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020.pdf>

United Nations. “Policy Brief: Education during COVID-19 and beyond”. Agosto 2020.

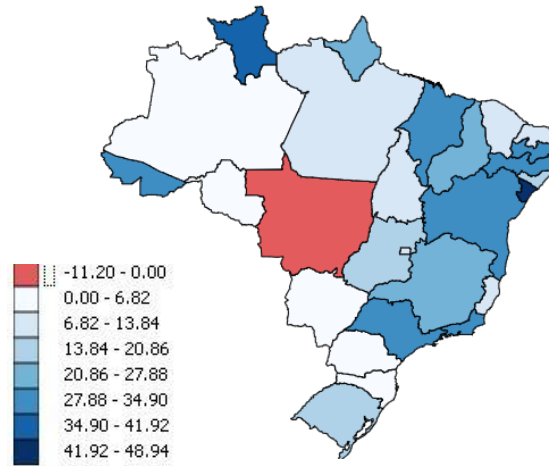
Apendice A: Mapa das Mudanças dos Jovens entre Unidades da Federação

UF - Variação (%) na Taxa de Nem Nem entre Jovens 15 a 29 anos

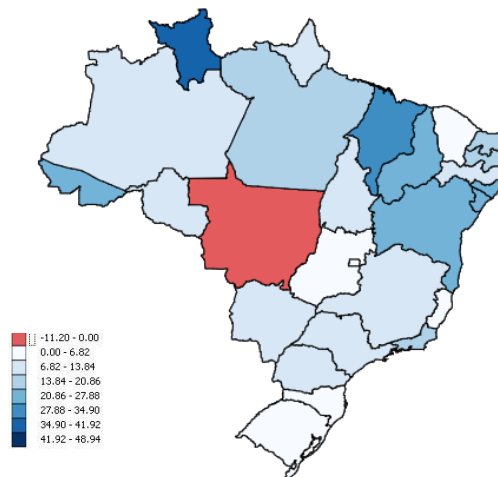
2014.4 a 2020.4 / 2014.4 a 2019.4 / 2019.4 a 2020.4

<https://cps.fgv.br/mapa-uf-variacao-na-taxa-de-nem-nem-entre-jovens-15-29-anos>

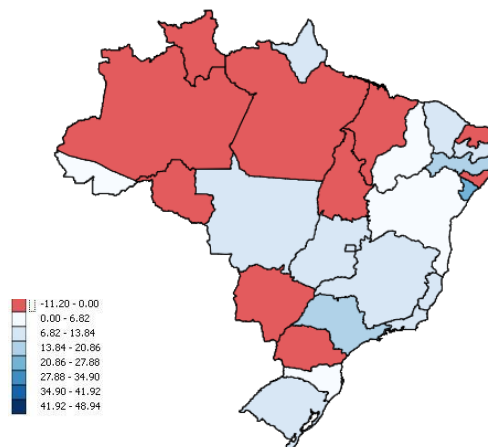
2014.4 a 2020.4



2014.4 a 2019.4



2019.4 a 2020.4



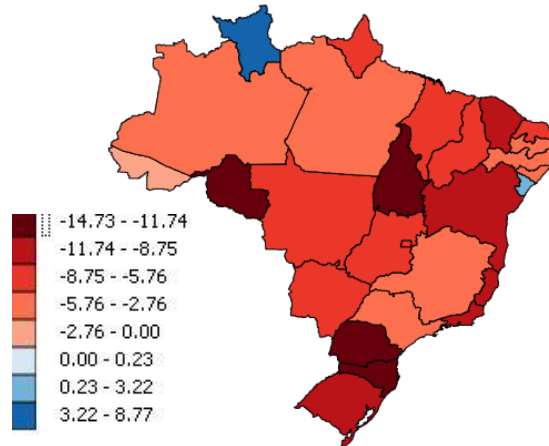
Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Trimestral/IBGE.

UF - Variação (%) na Taxa de Evasão - Jovens 15 a 29 anos

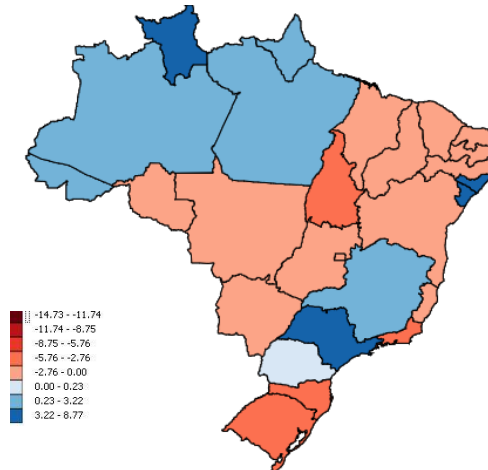
2014.4 a 2020.4 / 2014.4 a 2019.4 / 2019.4 a 2020.4

<https://cps.fgv.br/mapa-uf-variacao-na-taxa-de-evasao-jovens-15-29-anos>

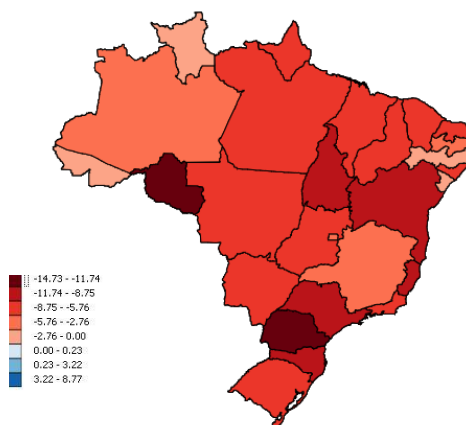
2014.4 a 2020.4



2014.4 a 2019.4



2019.4 a 2020.4



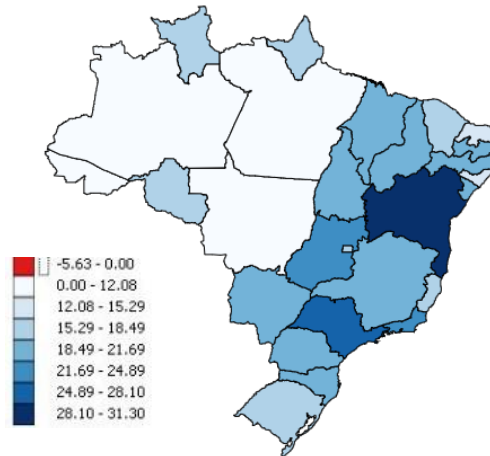
Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Trimestral/IBGE.

UF - Variação (%) - Desocupação - Jovens 15 a 29 anos

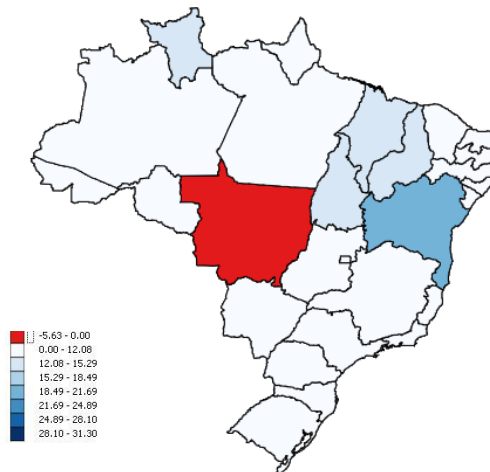
2014.4 a 2020.4 / 2014.4 a 2019.4 / 2019.4 a 2020.4

<https://cps.fgv.br/uf-variacao-desocupacao-jovens-15-29-anos>

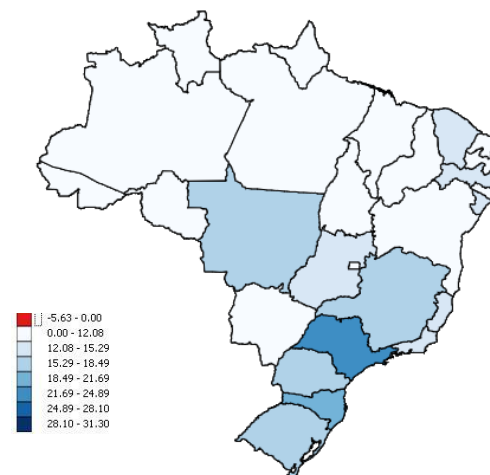
2014.4 a 2020.4



2014.4 a 2019.4



2019.4 a 2020.4



Fonte: FGV Social/CPS através do processamento dos microdados da PNAD Contínua Trimestral/IBGE.